

DC

**V FESTIVAL PROMOVIDO PELA
FEDERAÇÃO GAÚCHA DE CINECLUBES
CINEMA BRITÂNICO**



Patrocínio:

Departamento de Difusão
Cultural da URGs

Divisão de Cultura da SEC

Associação Riograndense
de Imprensa

Federação dos Estudantes
da URGs

Colaboração:

Fundação Cinemateca Bra-
sileira (São Paulo)

Conselho Britânico

Bristih Club

Pôrto Alegre, 14 de outubro / 13 de novembro de 1963

Acervo Digital

Walter da Silveira

V FESTIVAL PROMOVIDO PELA
FEDERAÇÃO GAÚCHA DE CINECLUBES
CINEMA BRITÂNICO



Na elaboração deste catálogo seguiu-se o critério de se dar preferência ao argumento dos filmes, o mais completo possível, considerando que os mesmos não têm legenda em português. Com isto se teve em vista oferecer um roteiro aos participantes do festival que, porventura, não dominem suficientemente o idioma inglês.

Informações críticas sobre os filmes programados serão publicadas na imprensa diária, cuja colaboração a esta série de festivais tem sido das mais inestimáveis, tornando-se por isso mesmo alvo do reconhecimento público da

Federação Gaúcha de Cineclubes

Vinhetas extraídas do catálogo
"Cinema Britânico", organizado
pela Fundação Cinemateca Brasileira.

HAMLET (Hamlet) — 1947/48.

Direção de Laurence Olivier. Roteiro de Alan Dent e L. Olivier.

Hamlet vê com repugnância o matrimônio de sua mãe, a rainha Gerturde (Eileen Herlie), com seu tio Cláudio (Basil Sidney), pouco tempo depois dela ter enviuvado. Quando o fantasma de seu pai lhe aparece e revela que fôra assassinado por Cláudio, que mais ambiçionava a cunhada que prôpriamente o trôno, Hamlet (Laurence Olivier) jura vingança.

Para dar cumprimento a essa promessa, êle sacrifica sua idéia de desposar a jovem Ofélia (Jean Simmons), filha de Polônio, o Conselheiro da Côrte (Felix Aylmer).

O desprezo de Hamlet e a morte de seu pai, a quem o príncipe mata por engano, provocam um desequilíbrio na mente de Ofélia e assim louca se atira no rio, morrendo afogada.

Cláudio, por sua vez, fingindo proteger Hamlet, príncipe da Dinamarca, o manda para a Inglaterra, onde deverá ser assassinado.

Hamlet, porém a caminho, é retirado de bordo do navio por um grupo de piratas e retorna à Dinamarca. O rei, que viu seus planos fracassados, arranja uma luta de esgrima entre Hamlet e o irmão de Ofélia, Laertes (Terence Morgan). O jovem Laertes luta com a ponta da espada envenenada, enquanto o rei Cláudio prepara



uma taça de vinho, na qual coloca veneno, pois se falhar o plano, Hamlet terá de beber a taça de vinho em regozijo da vitória, e morrerá de qualquer maneira.

Hamlet é ferido por Laertes e, arrancando a arma de Laertes, o fere também. Laertes então confessa o ardil e diz que ambos vão morrer. A rainha, desesperada, toma o vinho destinado ao filho e cai morta aos pés de Hamlet. Este, com a espada envenenada, cumpre sua vingança, embebendo a espada por várias vezes no coração de Cláudio, para em seguida expirar nos braços de seu fiel amigo Horácio (Norman Wooland).

NICHOLAS NICKLEBY — 1947

Produção de Michael Balcon — Direção de
Alberto Cavalcanti — Roteiro de John
Dighton, extraído do romance de Dickens.

1831. Nicholas procura ajuda de seu tio, que planeja explorar a êle e à sua irmã. Nicholas se torna assistente do cruel proprietário de uma escola para crianças enjeitadas, enquanto sua irmã se torna costureira; ela é usado como isca para atrair um nobre lascivo. Nicholas deixa a escola, levando consigo um jovem doente, perseguido. Vão trabalhar numa companhia de teatro. Alertado por um funcionário de seu tio, salva a irmã. Apaixona-se pela filha de um homem a quem o tio fez prender por dívidas; a morte frustra os planos do tio de se casar com a moça. Nicholas prova a seu patrão que o jovem maltratado é seu filho, raptado quando criança, para roubá-lo de sua fortuna. O jovem morre, o tio se enforca e Nicolas casa.

— o —

Com "Great Expectations" (Grandes Esperanças) e "Oliver Twist", David Lean fez renascer o interesse da indústria cinematográfica britânica por Dickens. O produtor Michael Balcon resolveu tirar proveito desse interesse e encarregou Cavalcanti de realizar "Nicholas Nickleby". A dificuldade em transpôr Dickens para a tela

reside na riqueza de personagens e na complexidade do desenrolar da história, o que se deve ao interesse da época vitoriana por longos romances e ao sistema de então, de publicar o romance em capítulos mensais. Cavalcanti e seu roteirista aparentemente decidiram concentrar-se nos personagens e na época, e dentro desses limites foram bem sucedidos, embora o filme não tenha tido o sucesso dos de Lean, talvez porque fôsse ofuscado por êles e porque a história não tenha fator emocional equivalente. Contudo, o filme vale como entretenimento popular, e contém momentos de bom cinema, momentos em que se sente a mão do diretor: a capotagem da carruagem e a última sequência, a fuga apavorada do tio mau, que acaba se suicidando. O filme conta ainda com as boas interpretações de Sir Cedric Hardwicke e de Stanley Holloway, que se tornou um dos astros mais populares do cinema britânico. Merece menção aparte a sequência da reconstituição do velho teatro, que é a melhor do filme e, aliás, a predileta de Cavalcanti". (De "Cinema Britânico", catálogo publicado pela Fundação Cinemateca Brasileira, São Paulo).

THE LAVENDER HILL MOB (O Mistério da Torre) — 1951

De Charles Crichton — Produção de
Michael Balcon — Argumento e roteiro:
T. E. B. Clark.

Há mais de vinte anos, o Sr. Holland (Alec Guinness) trabalha num importante banco londrino. Todo o mundo reconhece nêle suas grandes virtudes, sua acentuada honradez, uma pontualidade difícil de igualar e a mais extrema meticulosidade no desempenho de sua importante missão, que consiste em vigiar as entregas de ouro que faz uma refinaria ao banco. E' ele quem viaja no caminhão blindado que conduz as barras de ouro e antes de partir, o chofer e seu ajudante têm que mostrar suas armas, para êle ter certeza de que em qualquer momento poderão repelir um assalto.

Sua cautela chega ao extremo de fazer deter o caminhão se algum automóvel parece segui-los um trecho maior. Quando isto sucede, o Sr. Holland ordena a um de seus subordinados que vá até a próxima esquina para ver se há alguém de emboscada.

Se bem que ninguém dispute ao Sr. Holland as qualidades expostas, seus companheiros e superiores estão todos de acôrdo que é um homem desprovido de ambições e de imaginação, mortas ambas sem dúvida em

sua batalha diária com a rotina. Mas os que assim pensam estão muito equivocados, pois o modesto empregado alimenta desde muitos anos uma grande ambição e sua mente planeja os mínimos detalhes de um complicado golpe que lhe permitirá apoderar-se de um milhão de libras esterlinas em barras de ouro. Não é a falta de decisão o que o impede de ver realizado seus projetos, mas sim a incógnita, ainda por resolver, de como tirar o ouro do país.

Certo dia chega à pensão onde vive o sr. Holland, um novo hóspede, Sr. Pendlebury (Stanley Holloway), um escultor que, para poder viver, teve que abandonar as formas superiores de arte e dedicar-se à fabricação de objetos de presente, parte dos quais exporta para a França, onde são vendidos aos turistas. Holland e Pendlebury travam amizade e o segundo leva o primeiro para visitar sua fábrica e lhe mostra sua última criação, um peso de papel de metal dourado, imitando a Torre Eiffel. O Sr. Holland acha grande semelhança entre a refinaria de ouro onde êle vai por causa do precioso metal e a oficina de peso de papéis e imediatamente crê ter encontrado a solução para seu problema. Explica ao Sr. Pendlebury seu detalhado plano e lhe propõe que se associe a êle. Uma vez roubadas as barras, as fundirão para fazer com elas as pequenas Tôrra Eiffel que serão logo exportadas para Paris, como se vinha fazendo com as de metal. Depois de enviada a mercadoria, os dois, amigos viajarão para a capital francesa para recolhê-la e vender o ouro no mercado negro. Para levar adiante seus projetos, precisam da ajuda de uma dupla de ladrões que se encarregarão de conduzir o caminhão depois de apoderar-se dêle e amarrarem o Sr. Holland como se tivesse sido vítima de um assalto. Com o objetivo de encontrar tão necessários elementos, os dois homens freqüentam antros de vícios, tavernas e demais lugares adequados, nos piores centros de Londres, fazendo correr a voz de que a fábrica de Pendlebury é muito fácil de ser roubada. Ao chegar à noite, se ecomem na oficina à espera dos presumíveis candidatos e quando entram Lackery (Sidney James) e Shorty (Alfie Bass) os ameaçam com seus revólveres e lhes

propõem um trabalho com êles, coisa que os dois malandros aceitam encantados.

No dia assinalado para o roubo, o Sr. Holland faz seu trajeto costumeiro até um lugar onde o esperam os demais. Ali, com o pretexto de que os seguia um carro, faz descer um de seus ajudantes, enquanto Lackery passa para o lado do chofer, e lhe avisa que tem um pneu furado. Quando êste desce para examiná-lo, Shorty sobe ao caminhão e parte levando Holland para a fábrica de Pendlebury. Depois de descarregar o ouro, Lackery e Shorty amarram e amordaçam o Sr. Holland e desaparecem com o caminhão que jogam no rio. Holland com os olhos vendados e com as mãos atadas nas costas, sai para a rua caminhando aos saltos e pede auxílio. Em um de seus pulos cai ao rio, mas a polícia consegue tirá-lo da água, antes que se afogue. Desta forma, o honrado Sr. Holland se converte em herói da jornada. Todo o mundo fala dêle e seus chefes o felicitam.

Nos dias seguintes, os quatro integrantes do bando trabalham sem descanso para converter as barras de ouro em pêso de papéis, que uma vez embalados, são enviados a Paris, dando ordens para que não se vendam as de certas caixas marcadas com um R, que são os que contêm os fabricados com ouro. O Sr. Holland tira suas férias no banco e viaja para Paris com o Sr. Pendlebury, disposto a reaver sua valiosa mercadoria, mas quando visitam a Tôrre Eifel, onde se vendem as que êle fabricaram, encontram-se com a desagradável surpresa de que foram vendidos seis pesos de papéis, que conseguem reaver aos poucos, mas uma das moças nega-se a entregar o seu. Decididos a recuperá-lo, seja como fôr, seguem a rebelde ao sair do colégio e vão parar numa exposição da polícia, onde desesperados vêm a pequena presentear a tôrre a um policial. Num descuido dêste, o Sr. Holland agarra a fatídica tôrre e sai correndo com ela. Depois de uma acidentada perseguição, Pendlebury é capturado, mas Holland consegue despistar seus perseguidores e consegue escapar para o Brasil. O modesto empregado de banco, convertido em milionário, gasta

suas libras esterlinas com a mesma generosidade com que gastou a imaginação para consegui-las, embalado pelas doces melodias de um samba brasileiro, mas a felicidade não sòmente dura pouco na casa do pobre, como também na casa do rico e Holland vê desfazer-se seu sonho na nuvem de fumo de seu cigarro puro. O braço da justiça chega a tôdas as partes.

THE WAY TO THE STARS» (Além das Nuvens)
— 1945

Direção de Anthony Asquith — Roteiro de Terence Rattigan, baseado numa história de Rattigan e Richard Sherman (O filme foi lançado nos E. U. sob o título de "Johnny in the Clouds").

"The Way to the Stars" não é um filme de guerra, mas a história de um grupo de pessoas que têm a guerra como "background". Algumas dessas pessoas são inglesas, outras são americanas.

No início da guerra, Peter Penrose (John Mills), jovem piloto que acabara de completar seu treinamento, chega à uma base de bombardeiros no coração da Inglaterra. Encontra uma camaradagem estabelecida entre outros homens e um amigo em Davi Archdale (Michael Redgrave), experimentado aviador. David casa com Todd (Rosamund John", diretora do Golden Lion, o hotel local, e é ali que Peter conhece a jovem Iris (Renée Asherson), cuja timidez é aumentada pela arrogância de sua tia (Joyce Carey), com quem ela vive no hotel.

Quando o filho de David e Todd conta apenas alguns meses, David morre num combate aéreo. O choque para Todd e Peter é muito grande, reagindo, cada um, de maneira diferente. Todd consegue se dominar, pois tem um filho pelo qual precisa viver e lutar. Con-

serva a lembrança de David cristalizada em dois poemas que ele lhe escreveu, pouco antes de morrer. Para Peter, no entanto, a morte de David conduz à separação de Iris. Ele não lhe confessa seu amor, porque chega a convicção de que um aviador não deve casar.

O segundo tema do filme gira em torno da chegada da Força Aérea Americana para ocupar a base. Entre os recém-vindos, encontra-se Johnny Hollis (Douglas Montgomery). É um homem calmo e reservado, ao contrário de Joe (Bonar Colleano), outro aviador norte-americano, o tipo do sujeito ruidoso, Todd compreende que em Johnny há alguma coisa do espírito que ela amava em David. Johnny descobre os poemas e ela se alegra ao revelar-lhe o segredo dos mesmos. A amizade ainda não havia se transformado em amor, quando Johnny é sacrificado em uma aterragem forçada. Sôzinha, mais uma vez, Todd compreende que a crise na vida de Peter somente poderá ser solucionada com o casamento, o qual significará tanto para Iris como a vida de David significou para ela própria. Reune os dois e os convence de que é preciso que se casem.

— o —

"Um filme que, de certa maneira, transmite o ritmo da guerra e a coragem confusa de homens e mulheres que não conseguem explicar a grande coisa que os envolve. Um filme de guerra "sem slogans", nem bravatas" — De Richard Whnnington, em "News Chronicle", 1945.

THE RED SHOES (Os Sapatinhos Vermelhos) — 1948

De Michael Powell e Emeric Pressburger
— Roteiro de E. Pressburger e Keith Winter,, baseado no conto de Hans Christian Andersen.

Durante a estação londrina do famoso Lermontov Ballet, a companhia conquista dois novos membros: Vicky Page (Moirá Shearer), uma dançarina, e Julian Craster (Maurius Goring), um jovem compositor que foi contratado por Lermontov para ensalar a orquestra.

Vicky é ambiciosa e possui muito talento. Encontrará Lermontov em casa de sua tia, Lady Neston (Irene Brown) e acredita ser a mesma a responsável pelo interesse de Lermontov a seu respeito. Ele vira a "performance" de Vicky no pequeno teatro Mercurio.

Lermontov (Anton Walbrook) é o maior empresário de "Ballet" dos tempos atuais. Em sua Companhia reuniu os maiores talentos do mundo. O maestro "Livvy" (Esmond Knight); O desenhista Ratov (Albert Basserman); O "maitre-de-ballet", Lubjov (Leonide Massine). Seus dançarinos devem aceitar a disciplina de ferro de Lermontov para quem o "ballet" é uma religião que ocupa toda a sua vida.

Com seus dois novos membros, a Companhia segue para Paris, onde Lermontov sabe que sua "prima-ballerina, Irina Boronskaja (Ludmilla Tcherina), pretende casar-se. Fica tão furioso com essa "traição" que recusa desejar-lhe felicidades ou apresentar suas despedidas. A Companhia deixa Paris com destino a Monte Carlo, sem a primeira bailarina. Mas, durante a estação parisiense, Vicky esteve sob treinamento do "maitre-de-ballet" e, embora ainda não saiba, Lermontov planeja lançá-la em um novo "ballet", em Monte Carlo.

Certa noite Vicky recebe uma nota de Lermontov, dizendo-lhe que seu automóvel irá buscá-la no Hotel de Paris, às 20,30 horas. Pensando que fosse para participar de um importante acontecimento social, ela veste-se com o seu melhor vestido de noite. O carro leva-a, entretanto, pelas estradas montanhosas de Monte Carlo, até a vila de Lermontov, que convocara a conferência sobre um novo "ballet", "Os Sapatinhos Vermelhos", baseado em um conto de fadas de Hans Christian Andersen, falando da pequena que é enfeitiçada por seus sapatos de danças vermelhos. A Vicky é comunicado que irá dançar o papel principal, e Julian deverá escrever o "ecore".

Todos os genios da Companhia de Lermontov concentram-se no "ballet". Ratov excede-se a si mesmo nos cenários e costumes. Vicky inicia um severo treinamento com Lubjov, e o primenro dançarino Boleslavsky (Robert Helpmann). Passa as horas de suas refeições ouvindo a musica de Julian.

A primeira noite constitui um gigantesco sucesso e um triunfo pessoal de Vicky e Julian. Lermontov planeja um grande futuro para ambos.

Porém a amizade entre Vicky e Julian transforma-se em amor. Quando Lermontov assiste ao "party" de Lubjov, em Villefrance, verifica que Vicky e Julian estão ausentes; fala-lhe então, acerca do romance entre ambos.

Enraivecido pelo fato de relações pessoais interferirem com a sua vida profissional, Lermontov queixa-se

que a maneira de dançar de Vicky decaíra bastante. Em uma tempestuosa entrevista com Julian, êle lhe diz que a disciplina de sua companhia exclui qualquer possibilidade de um caso amoroso. Quando Lermontov critica deselegantemente sua nova partitura, Julian abandona a companhia.

Posta no dilema de escolher entre a carreira e a amor, Vicky escolhe Julian. Abandona Monte Carlo com ele, e se casam.

De volta a Paris, Lermontov procura de novo Irina Boronskaja, que se juntam à companhia como "prima-ballerina". Porém o "ballet" "Os Sapatinhos Vermelhos" é retirado do repertório.

Lermontov tem noticias de Vicky e Julian através de outros membros da companhia. Julian está trabalhando em uma nova ópera, e Vicky dá aulas particulares de dança, todos os dias, sem Julian saber.

Quando a Companhia volta de Monte Carlo, Lady Neston, tia de Vicky, acha-se entre os assistentes. Lermontov sabe que Vicky juntou-se à tia para passar umas férias.

Lermontov dirige-se para Cannes, a bordo do Expresso de Paris, no qual Vicky está viajando. Julian ficou em Londres para estréia de sua nova ópera. Lermontov ataca Vicky em seu ponto mais fraco — sua ambição como "ballerina" — e o sacrifício que está fazendo de sua carreira por amor a Julian. Eventualmente ela concorda em voltar à companhia e estrelar o "ballet" "Os Sapatinhos Vermelhos".

Vicky telefona para Julian, em Londres, a fim de dizer que o ama, porém, não pode viver sem a dança.

O casal descobre que ambas as estréias são simultâneas, porém antes que possam solucionar alguma coisa a ligação é cortada.

A noite seguinte, quando Vicky se prepara para a estréia, Julian entre no cenário. Pede-lhe para acompanhá-lo imediatamente, e sacrificar sua estréia, como

êle fez com a dele. Vicky recusa, Lermontov entra e os dois homens brigam. Vicky, desesperada, expulsa-os.

Quando Julian saía para sempre, Vicky corre atrás dele, dirigindo-se para o terraço, acima da estação de Monte Carlo. Ao se debruçar sobre o parapeito, perde o equilíbrio e cai para morrer nas rodas do trem expresso que está deixando a estação.

THE QUEEN OF SPADES (A Dama de Espadas)
— 1949

Direção de Thorold Dickinson — Roteiro
de Rodney Ackland e Arthur Boys, basea-
do na novela de Alexander Pushkin.

Em 1806, havia uma verdadeira febre de jogo em San Petersburg. Como resultado, várias foram as superstições criadas pela boa ou má sorte com as cartas — umas delas atribuíam azar à dama de espadas.

Herman Suvorin, capitão dos engenheiros, por ser pobre, não ousava tocar no baralho, mas perdia noites a fio vendo os companheiros jogarem.

Um belo dia vem a saber a estranha história da Condessa Ranevkaya; diziam que, quando moça, tinha vendido a alma ao diabo em troca do segredo de ganhar sempre no jogo. Herman sabe que a condessa ainda vive, pois é amigo de um sobrinho da velha, e resolve visitar a possuidora de tal segredo. Para isso começa a namorar Lisabeta, a jovem dama-de-companhia da rabugenta condessa, e, uma noite, a pobre moça franqueia-lhe a entrada em seus aposentos...

Lisabeta julga que o capitão está apaixonado por ela, mas Herman só pensa em chegar ao quarto da velha condessa. Escondido, assiste aos preparativos que ela

faz antes de dormir e, quando a vê só sai e planta-se em sua frente explicando que precisava ganhar muito dinheiro para subir na carreira que tinha escolhido. Com súplicas comovedoras, pede-lhe que ensine o segredo de ganhar no jogo de cartas, mas a velha, atemorizada, encolhe-se na cadeira e não responde. Perdendo a calma, Herman ameaça-a com a pistola e a velha morre de emoção. Com grande desapontamento de Lisabeta, que por ele esperou em vão, Herman vai para casa e sonha com a condessa; ela lhe revela o grande segredo, contanto que ele case com Lisabeta... Mas, a desiludida jovem não o aceita para espôso e Herman vai abancar-se a uma mesa de jogo. Ganha as duas primeiras paradas, mas perde a terceira que, inexplicavelmente, é uma dama de espadas, que tem as feições da velha condessa...

Perdendo seu dinheiro, Herman enlouquece. A condessa vingara-se.

THE OVERLANDERS (A Manada) — 1946

Direção e argumento de Harry Watt —
Produção de Michael Balcon.

Previendo um ataque dos japoneses à Austrália, o Governo ordena a evacuação da parte noroeste, onde existe um milhão de cabeças de gado bovino.

Dan McAlpine (Chips Rafferty), proprietário de uma enorme manada, acabara de adquirir mil exemplares de raça e se revolta ao receber ordem para destruir tudo e por isto resolve levar os animais para o Este.

E' um empreendimento ousado. Este procura alguém que o auxilie, prometendo uma boa recompensa uma vez terminada a viagem. Parece difícil arranjar quem queira aceitar tamanha responsabilidade. Mas, eis que aparece um lavrador acompanhado de sua mulher e duas filhas, dispostos a acompanhá-lo na travessia.

A coragem dessa família anima Corky (John Fennside) e um marinheiro (Peter Pagan) e ambos se juntam ao grupo, além de três nativos.

Nos primeiros dias a marcha transcorre sem novidade, até chegarem à margem de um caudaloso rio. Dan experimenta a profundidade e Sra. Parsons (Jean Blue) e sua filhinha Helena (Helen Grieve) seguem numa canoa amarrada aos cavalos. Porém, no meio do rio, os

animais se assustam com o aparecimento de um grande jacaré. Quando tudo parecia perdido, o marinheiro acerta no animal com certo tiro e a travessia se faz sem maiores novidades.

Porém, pouco adiante surge a tragédia. Os cavalos se envenenam com certa erva dadinha e isto provoca nos homens profundo desgosto. Vários abandonam a empresa e voltam ao ponto de partida. Os que ficam conseguem capturar uns pôtros selvagens e domá-los. A Sra. Parsons, a garotinha Helena e o marinheiro sobem na carreta. Estes último estava ferido e por este motivo viajava comodamente, se tanto.

Dan com Maria (Daphne Campbell), Bill (John Nugent Hayward), Corby e alguns nativos guiava a manada através de um desfiladeiro em busca de água. Perdem-se alguns animais e os demais chegam a um matagal onde havia o precioso líquido. Dan tenta afastar os animais, mas estes mortos de sede se atiram à água. Dan, Bil e Corky estalam os chicotes e conseguem dominar mais uma vez a manada, que é conduzida pelo grupo com segurança ao destino.

Depois desta façanha, o próprio Governo Australiano confia à Dan a missão de transportar todo o gado da região nordestina.



ANIMAL FARM

ANIMAL FARM — 1954

Produção: Hallas and Batchelor Cartoon Films — Prod. executivo: Louis de Rochmont — Prod. e direção: John Hallas e Joy Batchelor — Original: George Orwell — Rot.: Lothar Wolf, Borden Mace, Philip Stapp, John Hallas e Joy Batchelor — Dir. de animação: J. Reed — Animação: Rada-ge, Humbertson, Ayres, Whitaker e Moysey — Layout: Geoffrey Martin — fundo: Digby Turpin, Matvyn Wright e Bernard Casey — Mus.: Matyas Seiber — Vozes: Maurice Denham — Narração: Gordon Hearth.

Os animais de Manor Farm revoltam-se contra o cruel bebedor, o fazendeiro Jones, e o expulsam da fazenda. A revolução é chefiada por dois porcos, Bola de Neve e Napoleão. Bola de Neve escreve no pátio da fazenda as cinco regras do comportamento, das quais a mais importante é: "Todos os animais são iguais". O fazendeiro Jones reúne seus amigos e ataca a fazenda, mas os animais os derrotam. Em seguida vão fazer as colheitas. Quando chega o inverno, Bola de Neve planeja um moimho de vento para gerar eletricidade. Napoleão objeta, e manda seus perigosos e treinados cachorros atacarem seu sócio. Napoleão e seus cachorros agora dominam a fazenda. Começam fazendo negócios com o mundo ex-

terior. Os homens tentam mais uma vez expulsar os animais; não o conseguem, mas Jones destrói o moinho de vento. Napoleão manda os animais reconstruírem o moinho, e acrescenta uma frase ao quinto mandamento: "Todos os animais são iguais — mas alguns são mais iguais do que outros". A morte de Boxer, o cavalo da fazenda, inspira os oprimidos animais. Juntos, fazem outra revolução...

—o—
"Animal Farm" foi o primeiro longa metragem de animação feito na Inglaterra. O custo é o mesmo de uma produção com atores; somente uma distribuição mundial poderia fazer recuperar o dinheiro investido.

O trabalho de sua realização começou em 1951. Hallas e Batchelor tiveram de alugar um outro estúdio e instalações para as 80 pessoas contratadas. Todos eram ingleses, com exceção do diretor de animação, John Reed, que já tinha trabalhado para Walt Disney, em Hollywood. Os personagens foram criados por Hallas e adaptados às suas situações por Batchelor. Ao todo fizeram-se trezentos mil desenhos no filme, de setecentos e cinquenta cenas. A produção durou três anos, e foi estreado em Nova Iorque no mês de dezembro de 1954. (De "Cinema Britânico" — F. Cinemateca Brasileira).



BLACKMAIL (Chantagem) — 1929

Direção de Alfred Hitchcock — Roteiro de Charles Bennet, Benn W. Levy e A. Hitchcock, baseado numa peça do primeiro — Elenco: Anny Ondra (Alice White), John London (Frank Webber), Donald Calthrop (Tracy), Cyril Pitchard (O artista), Sara Allgood (Sra. White) e outros.

Alice, noiva de um detetive da Scotland Yard, cai na armadilha de um artista plástico, que a convida para posar em seu estúdio. Quando o artista a ataca, Alice lança mão de uma faca e, na luta, o mata. Um desconhecido, que vira a moça com o pintor, ameaçando testemunhar o fato, tenta fazer chantagem. No entanto é sobre ele que acabam recaindo as suspeitas, graças à ação do detetive, que, com a colaboração da polícia, persegue-o através do Museu Britânico. Acuado no teto de vidro do Museu, o chantagista irrompe por uma clarabóia e morre. O inquérito vai ser encerrado, quando Alice se dirige à Scotland Yard, para procurar o noivo e confessar seu crime.

—o—
Profundamente desapontado por não lhe permitirem fazer "Blackmail" um filme sonoro, Hitchcock, não obstante, rodou o filme como se devesse ser sonoro. Quan-

do, conforme ele previra, os produtores resolveram aderir ao cinema falado, Hitchcock já estava preparado para adaptar "Blackmail" ao novo sistema.

Surgiu então um problema: como a estrêla, Anny Ondra, tivesse um forte sotaque estrangeiro, e como na época ainda não se empregasse o sistema da pós-sincronização, Hitchcock fez com que outra triz ficasse fora do campo e falasse para o microfone, enquanto Anny Ondra movia os lábios. Esse engenhoso processo ainda teve a vantagem de permitir maior desembaraço de movimentação de câmara, sem o microfone que, em cena, captaria os ruídos indesejáveis de qualquer movimentação.

Quando adaptou o filme antes silencioso ao sistema sonoro, Hitchcock procurou fazer com que a trilha sonora atuasse como contraponto para os diversos efeitos visuais que imaginara. Procurou tirar partido do som e também do silêncio, às vezes brilhantemente, e essa intenção parece ter sido compreendida pelos produtores, que fizeram a publicidade de seu primeiro filme sonoro com a frase: "Silêncio quando o silêncio é de ouro, e a voz quando a voz é necessária."

Embora a maioria dos interiores tenha sido realizada em estúdio, Hitchcock procurou dar autenticidade ao ambiente, filmando cenas no famoso "Lyon's Corner House Restaurant" e no Museu Britânico. E a sequência inicial, que pouco tem a ver com a estória, constitui quase um documentário sobre o trabalho da polícia londrina" — De "Cinema Britânico" (Fundação Cinemateca Brasileira).

THE PRIVATE LIFE OF HENRY VIII (Os Amores de Henrique VIII) — 1932

Produção e direção de Alexander Korda —
Roteiro de Lajos Biro e Arthur Wimperis.

O Rei encontra-se no Palácio de Hampton Court, aguardando a execução da Rainha, Ana Bolena, oficialmente condenada devido à sua infidelidade; o verdadeiro motivo é porém, de ter caído em desgraça foi a sua esterilidade.

Em seguida, o soberano casa com Jane Seymour, que lhe dá o filho desejado, mas falece por ocasião do parto.

Ketheryn Howard, dama de companhia, aspira a tornar-se Rainha. Seus ardis são contrariados pelo casamento do Rei com a Princesa Ana de Cleves, casamento de conveniência, visando a evitar a guerra com a Alemanha. Ana de Cleves não ama o Rei e consegue evitar a consumação do casamento, que é prontamente anulado.

O Rei casa-se, então, por amor, com Katheryn, logo executada por infidelidade.

Já velho, Henrique casa pela sexta vez, com a doméstica Katherine Parr.

— o —

"Os Amores de Henrique VIII" se inspiravam em um antigo êxito berlinense de Lubitsch, "Ana Bolena". A pi-

toresca figura do rei foi truculentamente interpretada por um recém chegado: Charles Laughton, secundado por Merle Oberon, Elsa Lanchester e Robertt Donat. Os excelentes trajes de Robert Armstrong eram admiravelmente fotografado por um dos primeiros operadores desta época, o francês Georges Perinal... Esta reunião de circunstâncias felizes chegou a criar, se não uma obra prima, pelo menos uma obra de categoria, que mereceu seu grande êxito internacional". — De Georges Sadoul, em "Histoire d'Un Art.: Le Cinema".

"O filme é tão típica e vigorosamente inglês como um rosbife e uma caneca de cerveja nacional" — De C. A. Lejeune, em "Observer" 1933.



HENRY (Henrique V) — 1943/44

Produção e Direção de Laurence Olivier —
Roteiro de L. Olivier e Alan Dent, baseado no drama de William Shakespeare.

Henrique V, o décimo rei da Inglaterra, (Laurence Olivier), descendente da forte dinastia fundada por Godofredo, Conde de Anjou, apoiado por Plantagenet e sua esposa, Matilde, filha de Henrique I, reclama de Carlos VI da França, (Harcourt Williams), o trono de Carlos Magno, em virtude de ser descendente da Rainha Isabel, filha de Felipe, o Belo.

A resposta vem de Paris, porém, não de Carlos VI, mas sim do Delfim Luís (Max Adrian). Este, por intermédio do emissário Montjoy (Ralph Truman), lhe envia umas tantas bolsas de ténis sob o pretexto de que ele é demasiado jovem para acalentar tamanhas ambições.

Henrique, instigado pelo Arcebispo de Canterbury (Felix Aylmer) e seus mais nobres vassalos, declara a seguir guerra ao Rei da França, cruza o canal da Mancha à frente de 30.000 homens e em setembro de 1415 toma a cidade de Harfleur.

Chegou agora sua vez de mandar uma mensagem insultante a Carlos VI e em particular ao Delfim. Seu embaixador, Lord Exeter, intima o primeiro a despir os títulos usurpados, a coroa e o reino, dizendo ao segundo que da parte de seu amo traz-lhe desdém e desafio, repito e desprezo.

O monarca francês rechaça as pretensões do Rei da Inglaterra, Henrique V, depois da batalha de Corbie, da qual sai vitorioso a custa da terça parte de seus exércitos. invade pelo Rio Soma as planícies de Mainsoncelles. Entretanto, o Chefe Militar da França levanta um grande exército para combater os invasores.

A situação de Henrique V se torna desesperadora, não somente pela inferioridade numérica de seus exércitos, mas porque seus homens, depois de dois meses de combates e marchas forçadas, estão cansados e sem ânimo para prosseguir na luta.

Sabedor destas circunstâncias, Carlos VI envia seu emissário Montjoy a seu irmão da Inglaterra para lhe dizer que se retire, pois a derrota é evidente. A resposta de Henrique de Plantagenet é a mesma dada pelo seu heróico antepassado Godofredo: "Diga-lhe que venda nossos olhos depois de nos ter morto".

Na noite antes da batalha decisiva, os franceses encorajados pela enorme vantagem que tinham sobre o adversário, jogam dados sobre a sorte do rei da Inglaterra, en-

quando que este levanta sua alma a Deus e de fileira em fileira infunde fé e ardor aos soldados.

No dia 25 de outubro de 1415, a cavalaria francesa, que contava com os mais nobres pendões da Europa, inicia o ataque ao inimigo. Primeiro a trote, logo a seguir a galope, guiados pelo chefe supremo, pelo Delfim, pelo Príncipe de Bourbon (Russell Thordike) e pelo Duque de Orleans (Francis Lister), se atiram contra os ingleses. O troar dos canhões ressoa na terra, no ar brilham as lanças como relâmpagos no meio da tempestade. Mais eis que as flechas dos arqueiros de Henrique V cortam o espaço e crivam os corpos do inimigo através das armaduras. O efeito é trágico. Os cavalos atingidos se curvam e jogam suas cargas ao chão, que caem para nunca mais se levantarem. O jovem Rei da Inglaterra e seus cavaleiros são denodados.

E o milagre acontece. Os ingleses vencem os franceses. Estes fogem em todas as direções. Do alto de uma colina o Delfim, o Chefe Supremo, o Príncipe de Bourbon e o Duque de Orleans, humilhados e envergonhados assistem à derrota de suas tropas. Henrique, que os vê, sem medir risco, avança em direção deles, — este é o rei cuja vida foi sorteada nos dados — replica o Chefe Supremo e tirando a viseira vai ao encontro do inimigo, que o deruba de um só golpe de espada.

Pela quarta vez o emissário Montjoy se dirige a Henrique V, porém, desta vez é para dizer-lhe apenas isto: "O dia é vosso, Majestade!"

"Diga-me o nome daquele castelo", pede o vencedor. "Azicourt". "Então denominaremos esta a "Batalha de Azicourt", libertada no dia de S. Crispim", diz Henrique.

Esse estupendo triunfo inglês, foi o milagre de estratégia ou do amor?

Do amor, disse Shakespeare, pintando a dulcíssima Catalina de França (Renée Asberson), cheia de fé e acreditando piamente na invencibilidade de seu primo da In-

glatterra, aprendendo inglês com sua ama Alice, (Ivy St. Helier) a fim de estar equiparada para receber condignamente seu novo amor e senhor, preparando-se para render-lhe com entusiasmo as honras de legítimo soberano. Do amor, continuou o grande dramaturgo, apontando o extraordinário feito de Henrique V, que esperou cicatrizar as feridas do orgulho francês para reclamar então os frutos de sua vitória anos depois da Batalha de Azincourt não como tirano, no que dizia respeito à princesa destinada a ser sua espôsa, mas como encantado e submisso amante.

IN WHICH WE SERVE (Nosso Barco Nossa Alma) — 1942

Direção: Noel Croward — David Lean —
Roteiro: Noel Croward.

“NOSSO BARCO”

Nasce nosso Barco em um dos grandes estaleiros britânicos. Artesãos tradicionalmente peritos em sua profissão, milhãres de mecânicos, em meio ao clangor formidável e incessante, dia, e noite, de ferros, máquinas, martelos, trens, gritos e apitos, juntam, furam, rebitam e caldeiam chapas, instalam caldeiras, assentam máquinas, colocam instrumentos, montam canhões, dispõem comportas, estendem cabos e tubos, pintam e camuflam o casco, fazem as mil e uma operações, que em prazo incrivelmente curto, nos darão, garboso e pronto para a luta, NOSSO BARCO.

Ei-lo — NOSSO BARCO — Orgulho de todos os trabalhadores que o deixam, após terminada a obra, orgulho de todos nós.

Pelas carreiras ensebadas, “Nosso Barco” desliza até entrar no seu elemento, águas profundas ou águas rasas, águas mansas ou águas tormentosas, águas amigas ou águas inimigas, onde passará sua vida, onde talvez desaparecerá para sempre. Outra obra de função solene e festiva, o lançamento de um navio, nestes dias angustiosos, em que já não há multidões desocupadas, nem

lazers elegantes, é formalidade simplíssima, quase despercebida, e apenas sai um navio do estaleiro, já se bate quilha de outro.

Completado “Nosso Barco”, procedem-se, por oceanos mansos e por mares revoltosos, às provas de velocidades, de artilharia, de máquinas, de todos os órgãos vitais, de todos os dispositivos de engenho maravilhoso ao qual o homem —nosso intrépido e competente marujo — dá o sôpo divino da vida.

Aprovado e recebido pelo Almirantado Britânico, “Nosso Barco” entra em missão, isto é, entra em serviço ativo, sendo “comissionados” o respectivo comandante e sua tripulação. Imediatamente começam os preparativos, “Nosso Barco” toma a bordo seu provisionamento de munições mantimentos e abastecimentos de toda a espécie. Completados os preparativos, vem a marujada a bordo, homens fortes, tranqüilos, confiantes dignos herdeiros das tradições da Marinha Britânica.

Antes de zarpar, o comandante reúne seus homens e dirige-lhes algumas palavras, palavras graves e singelas, palavras de um chefe a seus subordinados, ao encetarem em companhia sua nobre missão. Reconhece alguns dos tripulantes... “Reynolds, você já me conhece: diga-me, diga a seus camaradas: Como é que eu quero meu navio?” — “Feliz e eficiente, Capitão” — “E isto mesmo. “Nosso Barco” é e será feliz e eficiente”.

Vem a cerimônia da bênção de Deus invocada para NOSSO BARCO! Perante a oficialidade e todos os homens reunidos no convés, o Comandante, definindo a nobre missão do novo Barco reza:

“OH! DEUS TODO-poderoso, que governais os céus e as tormentas; que separastes as águas da terra para criar os mares; dignai-vos — Vos suplicamos — proteger êtes vossos servidores e a esquadra em que prestam serviço. Preservai-nos da fúria do mar e da violência do inimigo, para que sejamos a salvaguarda do nosso mui Gracioso Soberano, O Rei Jorge, e dos seus domínios e dos que cruzam os mares em seus afazeres legítimos; para que os habitantes de nossa ilha vos sirvam em paz e tranqüilidade; e para que, com a lembrança de

Vossos dons, glorifiquemos Vosso Nome, por Cristo Nosso Senhor, Amém!”

Inicia-se a missão de “Nosso Barco”. Por mares inclementes ou sobre ondas tranqüilas, lutando contra borrascas tempestuosas ou cruzando na calmaria dos elementos, “Nosso Barco” percorre os oceanos infindos, sempre vigilante e atento; sempre alerta, dia e noite, procurando o inimigo, protegendo combóios, salvando náufragos, cumprindo seu dever.

E do calor sufocante do Mar Vermelho, da calmaria monótona do Mar de Sargaços, das tempestades ululantes do Pacífico, “Nosso Barco” passa a “comboiar”, nas imensidades gélidas do Ártico, os navios mercantes.

Eis que chega um apêlo angustioso: os exércitos anglo-franceses em Flandres, acossados irresistivelmente pelo inimigo, estão encurralados em Dunkerque, ameaçados de completa destruição. A Marinha precisa salvá-los. “Nosso Barco” toma parte na heróica façanha, e sob o bombardeio continuo dos canhões e da aviação dos nazistas, salva da morte ou da rendição ingloria a maior parte do Corpo Expedicionário Britânico e do Exército Francês do Norte.

Muitos, quase diários, são os encontros, com o inimigo. Graças à valentia das tripulações e a pericia da oficialidade, “Nosso Barco”, embora frequentemente arranhado e até severamente atingido, sempre se sai bem dessas rêfregas, e volta à base para os necessários concertos e o re-provisionamento.

Alguns dias de folga. O Comandante, aproveita, para reunir-se à família, o tempo que “Nosso Barco” tem de passar no porto. Em meio à tranqüila e harmoniosa paisagem inglesa, êle, a mulher e os filhos, contemplam, despreocupadamente, os esforços vãos de alguns aviões nazistas, que procuram amedrontar o povo inglês.

Mas é preciso voltar ao serviço incessante da Marinha em guerra. Não só os oficiais como também os simples marujos. E na hora de despedida, em alegre festa de Natal, é a esposa do Comandante que, com um nó na garganta e o brilho da exaltação nos olhos, brinda:

“Meus amigos, falo por experiência própria, uma experiência amarga, e só posso dizer que a mulher de um

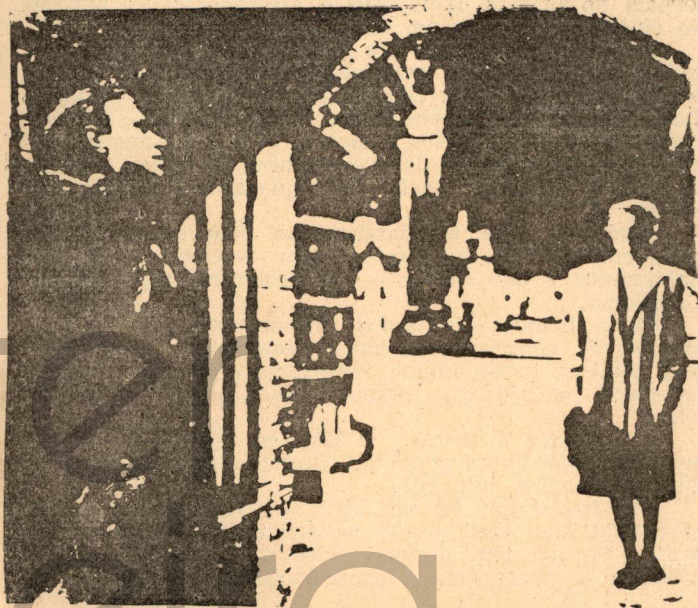
ODD MAN OUT (O Condenado) — 1949

Direção de Carol Reed — Roteiro do Romance de Frederick Lawrence Green.

“Um homem com a morte aos calcanhares, fugindo pela sombra; u’a mulher moça, querendo ser cega ao amor, fugindo da emoção. Um na Irlanda, a outra na Escócia. E ambos fugindo, apavorados — e guiados por mãos ocultas mas seguras —, de chavão, lugar-comum, estandartização, estereótipo. O homem com os ruídos noturnos da cidade agreste e indiferente, ao fundo; a mulher com uma simples cançãozinha.

O homem é James Mason, que nunca teve tão boa cara, nem nunca foi tão propício ao cinema. Quase em silêncio, êle é guiado por Carol Reed, e a aventura irlandesa, perdida no mundo, é “Odd Man Out” — outro filme que tem a coragem de ser corajoso, eloquente e bonito.

A hestória é simples: Um grupo de revolucionários irlandeses assalta uma fábrica, para obter o dinheiro necessário a suas atividades. O líder é obrigado a matar um inimigo, e cai do automóvel em fuga. O resto, como que um calvário moderno, é sômente a sua fuga. E seus encontros desesperadamente simbólicos — pois tudo é simbólico — com tipos de humanidade: duas mulheres compreensivas e bondosas, mas por fim indiferentes; um padre que quer garantir-lhe um lugarzinho no céu; um vagabundo que quer tirar alguma coisa da



situação; um pintor louco que o quer como modelo; um médico renegado; a própria namorada, que apenas quer o futuro. E, sempre a polícia, a lei, e a morte, os únicos elementos precisos, desumanizados, e definidos. Estes não são símbolos exatos. Mas dão maior valor simbólico à fábula. E nos ajudam a reconhecer, na pesada penumbra, os vultos vagamente — e assustadoramente — familiares dos outros.

Pois “Odd Man Out” é um filme assustador. Às vezes, muitas vezes até, a gente tem a impressão nítida de estar assistindo à própria saga inglória do Homem do Século XX. Ai, o filme, em seu inevitável pessimismo, parece reflorir o que nós todos sentimos ao ler os

jornais do dia. A impressão é aterradora: as paredes do cinema fecham-se em cima de nós.

E, talvez por causa do pêso quase intangível que temos na consciência coletiva, estranhamos, ao mesmo tempo, ficar por cima daquele bêco sem saída, enquanto James Mason, o Homem, corre trôpego para o semfim; enquanto os outros, Nós, enxotam o olhar culpado. Temos a nebulosa noção de que também devíamos estar lá no bêco, e não longe, sabendo o que acontece, mas sem espiar.

Está visto que tal participação, com a qual o Homem entorpecido não parece contar — como nós já nos habituamos a não contar —, não colocaria num complexo dilema.

Como homens civilizados, criamos leis que procuramos seguir, consciente ou inconscientemente. Como simples homens, temos lutado, consciente e inconscientemente, contra a injustiça, mesmo quando vamos contra as leis.

E o tempo é pouco. O Homem não pode escapar enquanto nós escolhemos um caminho que combine as duas inclinações naturais.

Por isso é que há um bêco sem saída. Por isso é que "Odd Man Out" é tão pessimista, tão pesado e ingrato. Porque tem alguma coisa a dizer, e o diz de maneira a mexer com a consciência da gente".

Alex Viany

16-8-47.

LISTA DOS FILMES

OUTUBRO

- 14 — HAMLET (Hamlet) — Laurence Oliver
- 16 — NICHOLAS NICKLEBY (Nicolas Nickleby — Alberto Cavalcanti
- 19 — O MISTÉRIO DA TORRE (Lavender Hill Mob) — C. Crichton
- 21 — ALÉM DAS NUENS (The way to the stars) — Anthony Asquith
- 23 — OS SAPATINHOS VERMELHOS (The Red Shoes) — Powell-Pressburger
- 26 — A DAMA DAS ESPADAS (Queen of Spades) — T. Dickinson
- 28 — A MANADA (The Overlanders) — Harry Watt
- 30 — ANIMAL FARM (Animal Farm) — Louis Rochemont

NOVEMBRO

- 1 — CHANTAGEM (Blackmail) — Alfred Hitchcock
- 4 — OS AMORES DE HENRY VIII (The Private Life Of Henry VIII) — Alexander Korda
- 6 — HENRIQUE V (Henry V) — Laurence Olivier
- 9 — Títulos a ser anunciado
- 11 — NOSSO BARCO NOSSA ALMA (In Which we serve) — Coward-Lean
- 13 — O CONDENADO (Odd Man Out) — Carol Reed

Local: Salão de Atos da URGs.

CATÁLOGO EDITADO PELA DIVISÃO DE CULTURA DA SEC.

COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA SANDRA

RUA JOÃO ALFREDO, 140 - FONE 8837

PÓRTO ALEGRE - RS.

43 - COB.: 043.3